

ABRE ASPAS PAULO GABRIEL NACIF REITOR DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

«Existe na Bahia uma supervalorização de Salvador»

Texto **DIEGO DAMASCENO** diego.damasceno@grupoatarde.com.br
Foto **FERNANDO VIVAS** fvivas@grupoatarde.com.br

Ficou claro para Paulo Gabriel Nacif, desde cedo, que sua vocação era a pesquisa científica e que a terra seria seu principal objeto de estudos. Doutor em agronomia, especializado em geografia física, ele foi professor da Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc) e diretor da Escola de Agronomia da Ufba. Mas quando se fala de "terra" no sentido afetivo, a palavra vai para o plural. Nascido em Coaraci, cresceu em Teodoro Sampaio, "com forte vinculação com Santo Amaro". Passou por Itabuna, Salvador e Viçosa (MG). Assim, talvez não lhe seja estranha a rotina de reitor da Universidade Federal do Recôncavo (UFRB), que completa sete anos este ano com campi em quatro cidades (Amargosa, Cachoeira, Cruz das Almas e Santo Antônio de Jesus) e dois outros recém-anunciados (Feira de Santana e Santo Amaro). Pesquisador, também é militante social. Foi presidente da comissão que analisou a proposta de implementação de ações afirmativas na Ufba. No Museu Afro-Brasileiro desta universidade, instalado na Faculdade de Medicina da Bahia, Paulo Gabriel conversou sobre racismo, expansão da educação superior e os desafios de criar uma universidade no Recôncavo baiano.

Sente falta de estar em sala de aula?

Muito. Eu ensino desde 18 anos, química, geografia, até mesmo para me manter. Como diretor, em Agronomia, continuei ensinando. Mas quero conviver com a universidade que eu ajudei a criar, conhecê-la em outras perspectivas. Quando terminar o mandato, voltarei a ensinar.

Havia acadêmicos em sua família?

Fui o primeiro a chegar à universidade. Naquela época, o sonho de estudar na federal era distante, o vestibular era Salvador, um fenômeno bem baiano. Em Minas, Rio Grande do Sul, São Paulo, Paraíba, já havia vários campi no interior. Na Bahia, a interiorização se deu tardiamente.

Como o senhor vê a presença de partidos políticos no movimento estudantil?

O movimento está distante do aluno médio. Não sei se é por conta dos partidos. O aluno médio não participa da vida universitária como há trinta anos. A universidade perde, porque é necessária a renovação das pessoas cobrando, construindo atividades culturais, dando vida ao campus. O aluno perde porque a formação universitária requer muito mais do que sala de aula e laboratórios. A universidade tem que se diferenciar das faculdades isoladas. Tem que permitir aos estudantes acesso à crítica, à cultura. É contraditório: há movimentos aguerridos, mas sem participação em massa.

Como explicar esse atraso?

Eu diria que é um enigma baiano, como falou Octávio Mangabeira. As várias forças políticas que passaram



«As pessoas ainda estranham que o reitor da UFRB seja negro. Acontece muito de eu estar com um assessor meu que seja branco e as pessoas se dirigirem a ele»

não atentaram para isso. Vivemos na Bahia uma supervalorização de Salvador, como se o locus da ciência, da filosofia baiana, tivesse que ser na capital. Não sei as causas concretas, mas os prejuízos foram terríveis. A educação é um sistema que vai da creche à pós-graduação. Quando uma dessas partes falha, uma coisa implica a outra. E talvez a melhor coisa a fazer seja formar professores. A Bahia sempre formou poucos professores. A média nacional está em 14% dos jovens de 18 a 24 anos estudando na educação superior, na Bahia, a média é 8% ainda.

A UFRB nasce em um momento de expansão da universidade. Quais são os desafios que esse contexto traz?

Seria interessante poder contratar apenas professores doutores. O Brasil não tem doutores em número suficiente. A UFRB cresceu muito em pessoal, mas a velocidade das obras não alcança a velocidade de implantação de cursos, da contratação de pessoas, da realização de vestibulares. Uma nota triste é que houve pressa para mudar a legislação para construirmos estádios para as obras da Copa, e essa legislação só agora vai beneficiar as universidades. É triste porque essa mudança deveria ser feita no momento em que o Brasil decidiu expandir as universida-

des. Tanto era possível mudar a legislação que nós a mudamos para a Copa e para as Olimpíadas.

Há dois anos o senhor foi acusado de racismo por dizer que instalar a UFRB em uma região como o Recôncavo trazia desafios específicos. Quais são eles?

Na época da Independência do Brasil, alguns líderes diziam que o Recôncavo deveria desaparecer. O importante seria fazer a imigração europeia. Dizia-se que o negro não estava à altura dos desafios do Brasil. A região foi esquecida, e acho que foi esquecida por racismo. Foi isso que eu quis dizer na época. Precisamos encarar essa questão. Precisamos ter autoestima, orgulho do que estamos fazendo. As lideranças daquele movimento não conheciam a região e queriam que a UFRB, recém-criada, fosse como a Ufba.

Estamos encarando a questão?

Avançamos muito. Finalmente assumimos que existem desigualdades oriundas do tratamento racial. O salário, a escolaridade do negro são menores, e é evidente que isso se dá porque a sociedade brasileira é racista. O conceito de boa aparência está colocado no dia a dia. Foi presidente da comissão que coordenou a instalação de cotas na Ufba. No conselho universitário, eu era o úni-

co afrodescendente. Ou, para usar um termo baiano, era o único mulato-escuro. A composição do conselho universitário da Ufba, dos cursos como medicina ou direito, de forma alguma retratava a sociedade baiana, menos ainda a soteropolitana.

O cineasta Spike Lee esteve em Salvador e estranhou que haja poucos negros em cargos do Poder Executivo.

Não pode ser coincidência que você tenha poucos negros e negras deputados, reitores, governadores. Dizer que isso é coincidência é não enfrentar a questão. Passamos o século 20 achando que o acaso ia resolver a questão. As pessoas estranham que o reitor da UFRB seja negro. É engraçado. Às vezes, eu estou com algum assessor meu, branco, e as pessoas se dirigem a ele. Quando descobrem o erro, a reação é dizer "mas o senhor é muito novo, por isso eu não o reconheci". A diversidade não é apenas importante para o negro, é para o branco também. A gente só se socializa na diversidade. É uma questão de sobrevivência para a humanidade.

O que pensa do projeto de construção da ponte Salvador-Itaparica?

Vivemos um fenômeno interessante. O grupo que tem a hegemonia política na Bahia e no Brasil tem sido protagonista na criação de universidades, mas há um distanciamento dessas universidades do debate de grandes temas da Bahia. A UFRB está distante desse debate, embora a gente já tenha se oferecido para participar dele, porque vai ter um impacto muito grande na nossa região.

Se essa ponte for estabelecida como uma intervenção estratégica, em toda a região, ela pode ser extremamente positiva. Se ela vier acompanhada de um ordenamento territorial, investimentos estratégicos. Se não, será terrível.

Universitários cotistas têm desempenho similar ou melhor que o dos não cotistas. Mas ainda se critica a reserva de vagas.

Você tinha uma cota para brancos. E uma cota para ricos. As universidades, as federais principalmente, em seus cursos mais requisitados, eram praticamente um direito privativo de castas da sociedade brasileira. O que

se discute agora é uma divisão das cotas que existiam para uma determinada classe. É distribuição de renda, de saber, de poder. Não é possível esperar que as pessoas percam privilégios e continuem felizes. É compreensível. A diversidade vai ser o grande vetor da sociedade do conhecimento. Não é possível estudar multiculturalismo e não conviver com ele numa cidade como Salvador. A convivência com a diversidade é educativa. Estamos gerando novas vagas. Ninguém está perdendo. Estamos incluindo. Antes você tinha uma homogeneidade pouco educativa na universidade. Hoje você tem

que conviver com diferenças, com trajetórias não tão lineares. O Brasil precisa disso.

Era necessário sancionar uma lei federal para implementar as cotas?

Sim. Todas as universidades tinham algum tipo de política afirmativa, mas, muitas vezes, eram limitadas. Quando o governo sanciona uma lei assim, a permanência desses estudantes passa ser obrigação também do governo. Espera-se que ele amplie investimentos em restaurante universitário, alojamento, bolsas. Foi uma lei tardia. Deveria ter vindo com a abolição da escravatura. «